

NOVAS EDIÇÕES DE
**JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS**



José Rodrigues dos Santos

**JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS**

**A
FÓRMULA
DE DEUS**

EDIÇÃO · 20 ANOS

FICÇÃO · ROMANCE

À Florbela

Introdução

Edição comemorativa dos 20 anos da publicação de *A Fórmula de Deus*

A mensagem de *e-mail* que naquele dia recebi de um leitor tinha um título estranho: “*Votre bouquin m’a guéri*”. Traduzindo, *O seu livro curou-me*. Intrigado, abri a mensagem e confrontei-me com uma história surpreendente. O francês que me escrevia contava que sofrera de uma depressão e decidira fazer uma viagem solitária de barco para se tentar reencontrar. Partira de Rennes rumo aos Açores, contou-me, levando como único companheiro de viagem *La Formule de Dieu*, a tradução em francês de *A Fórmula de Deus*, obra que lhe tinha despertado a curiosidade quando a vira no primeiro lugar dos *tops* em França. Leu o romance durante a viagem e, quando chegou aos Açores, disse-me, descobriu que estava curado, pois o livro respondera a todas as questões que se encontravam por detrás da sua depressão.

Cada leitor lê um livro à sua maneira e é ou não por ele impactado de formas diferentes em função da sua personalidade, dos seus interesses, da sua cultura e das suas circunstâncias. Porém, também é verdade que cada livro e cada autor é diferente e que essas singularidades influenciam igualmente o efeito de cada obra em cada leitor. É o caso de *A Fórmula de Deus*. Este é um livro singular, com características específicas que impactaram leitores de todo o mundo e que por vezes o tornaram uma obra de culto. Contudo, a sua essência inscreve-se numa visão mais geral, que é a minha visão, sobre o que verdadeiramente procuro quando escrevo um livro.

Somerset Maugham observou, certa vez, que todos os escritores contam sempre a mesma história. Sem dúvida que isto não é literalmente verdade, uma vez que as narrativas de cada romance vão variando, mas é um facto que se podem detetar certos aspetos comuns na obra de cada escritor. Da mesma maneira que cada um de nós tem o seu próprio timbre de voz

e as suas próprias impressões digitais, cada artista tem o seu próprio estilo, cada escritor a sua própria maneira de escrever. Nesse sentido, não há artistas melhores ou piores, há artistas que nos agradam mais ou menos, pois o conceito de qualidade é iminentemente subjetivo e varia consoante cada pessoa.

A observação de Maugham, contudo, fez-me refletir sobre os meus próprios romances. Se não é literalmente verdadeiro que todos os escritores contam sempre a mesma história, é porém verdadeiro que todos os escritores têm algo que está sempre presente na sua obra, uma espécie de fio condutor, mesmo que disso não tenham consciência, e esse fio é de certo modo uma história mais profunda, uma narrativa subterrânea, um fantasma que assombra e inspira as linhas que redige e as histórias que narra. Nesse sentido, qual é a história profunda que estou sempre a contar? Qual a narrativa subterrânea que se esconde nas páginas dos meus livros, quem é o fantasma que me assombra? Com a sua observação, Maugham obrigou-me a pensar sobre a minha obra.

Não foi difícil chegar a uma resposta. A minha história profunda, o elemento presente em grande parte dos meus livros, se não mesmo de certa forma em todos eles, unindo-os como um espírito que a todos anima com o mesmo propósito, é uma busca pelo sentido da vida. Nem mais, nem menos. Pode parecer estranho, soar excessivamente ambicioso ou uma audácia a tocar a arrogância, mas eis, despojado de máscaras, o meu fantasma, a obsessão que me compele a escrever, o farol que me guia a cada livro que imagino e publico. Os meus romances procuram, por diversos métodos e vias diferentes, captar a razão da nossa existência. Essa busca é feita numas obras pelo caminho da física, noutras pelo caminho da biologia, da etologia, da psiquiatria, da inteligência artificial, da história, da filosofia, das religiões, da guerra, da economia, da política, da estética, da ética, na verdade, de todos os ramos da atividade e do conhecimento humano, de tudo o que faz com que sejamos quem somos. E em todos os meus livros encontramos de certo modo as mesmas perguntas, ainda que formuladas de diferentes maneiras e a partir de múltiplas perspetivas. Porque vivemos? Com que objetivo? Qual o propósito? Existirá sequer alguma razão? Ou não passará tudo de um acidente, um acaso sem sentido, a nossa existência um enorme vazio? Porque estamos aqui? Para comer batatas fritas e ver futebol ou novelas na televisão? Ou existe algo mais do que isso, um

extraordinário escondido atrás do banal, um mistério profundo que tudo faz mover? Se o sentido existe, onde e como o encontrar?

O que me leva de novo a Somerset Maugham, sempre ele. Na obra do grande escritor inglês impressionou-me em particular o romance *Of Human Bondage*, uma verdadeira obra-prima traduzida para *A Servidão Humana*, título extraído de um capítulo da *Ética*, de Bento de Espinosa. Chamou-me sobretudo a atenção nesse extraordinário livro o momento em que a personagem principal é interpelada por alguém que aponta para um velho tapete turco e observa que se encerra ali o grande mistério da existência. Reparem no desafio: um objeto que tudo desvenda sobre nós, que nos explica a vida, que nos desvenda o universo. Tudo num velho tapete turco. Este enigma do tapete intrigou-me sobremaneira e perseguiu-me ao longo da leitura desse romance e muito para além dele. Como pode o mistério da vida estar contido num velho tapete turco? O que queria Maugham dizer com aquilo?

Se estou a falar no desafio lançado por Somerset Maugham é porque *A Fórmula de Deus* foi o primeiro dos meus romances em que a busca pelo sentido da vida se tornou mais evidente, o tema que perpassa por cada palavra e invade cada página, mesmo quando disso não nos apercebemos ao lê-lo. O enigma do velho tapete turco foi a forma que Maugham encontrou para dizer que a vida não tem sentido, que não existe propósito, a existência dos seres humanos, de toda a vida e do próprio universo vale tanto quanto um velho tapete turco. Ou seja, nada. Nascemos, vivemos e morremos por razão nenhuma. Não passamos de grãos de poeira esquecidos na eternidade e perdidos no infinito. Não somos nada. Nada.

Mas será mesmo assim? A mensagem de Somerset Maugham não me satisfaz, pois eu sabia que a física estava a fazer descobertas com implicações filosóficas desconcertantes que apontavam noutras direções. O universo esconde um mistério e a vida desempenha um papel nesse mistério. Não o digo porque é a resposta que mais me agrada ou acalenta, mas porque é o que vejo quando perscruto com atenção tudo ao meu redor e porque a ciência, com toda a sua dúvida como método, para aí subtilmente começa a apontar. Decidi por isso escrever *A Fórmula de Deus*. Foi a minha primeira resposta ao desafio que Maugham me lançou em *Of Human Bondage*. Esta é assim uma obra sobre o sentido da vida. Foi o que descobri através da ciência tradicional, e que neste romance verti em narrativa, que decerto contribuiu para ajudar o leitor francês a lidar com a sua depressão.

É verdade que, antes de *A Fórmula de Deus*, já *A Filha do Capitão* tinha de certo modo tratado da mesma questão pela via do mistério do destino, o problema de determinar se somos senhores do que nos acontece ou simples folhas ao sabor do vento. Em *A Ilha das Trevas* já tinha abordado o problema com mais subtileza ainda, através do paradoxo de a salvação nascer da tragédia. E em *O Codex 632* lidara com a natureza polissêmica da leitura do passado, a forma como os documentos do passado nos dizem coisas diferentes conforme a maneira como os lemos e como as diferentes interpretações nos dão imagens diferentes da realidade. Mas foi verdadeiramente com *A Fórmula de Deus* que enfrentei o touro e procurei preencher o vazio que a metáfora de Maugham me deixara, com o enigma do velho tapete turco de *Of Human Bondage*.

Toda a minha obra subsequente revelou-se uma busca pela resposta a essa questão fundamental da condição humana. É essa a história profunda que percorre os meus livros, o fio que une toda a minha obra, mas em nenhum outro romance esse mistério está mais presente e é mais central do que em *A Fórmula de Deus*.

© JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS, 2026

“Eu sou o Alfa e o Ómega,
o princípio e o fim,
aquele que é e que era,
e que há de vir,
o Todo-Poderoso.”

APOCALIPSE, I, 8

Aviso

Todos os dados científicos aqui apresentados
são verdadeiros.

Todas as teorias científicas aqui expostas
são defendidas por físicos
e matemáticos.

Prólogo

O homem dos óculos escuros riscou o fósforo e colou a chama violácea à ponta do cigarro. Aspirou forte e uma nuvem acinzentada ergueu-se do rosto, devagar, fantasmagórica. O homem percorreu a rua com o olhar azul e apreciou a placidez daquele recanto aprazível.

Fazia sol, os arbustos coloriam de verde os jardins mimosos, graciosas casas de madeira espreitavam a rua, as folhas tremelicavam sob a brisa leve da manhã; o ar ameno encheu-se de aroma e melodia, perfumado pela fragrância fresca das glicínias, embalado pelo estridular laborioso das cigarras na relva rasteira e pelo arrulhar meigo de um beija-flor. Uma gargalhada despreocupada juntou-se ao harmonioso concerto da natureza, era uma criança loira que guinchava de alegria e saltitava pelo passeio, puxando um colorido papagaio por uma corda.

Primavera em Princeton.

Um zumbido longínquo atraiu a atenção do homem dos óculos escuros. Esticou a cabeça e fixou os olhos no fundo da rua. Três motos da polícia emergiram do lado direito, encabeçando uma fila de carros que se aproximava a grande velocidade; o zumbido cresceu e transformou-se num ronco estre-pitoso. O homem tirou o cigarro da boca e esmagou-o no cinzeiro sobre o parapeito da janela.

“Estão a chegar”, disse, voltando a cabeça para trás.

“Começo a gravar?”, perguntou o outro, o dedo pousado sobre o botão de uma máquina com uma fita magnética.

“Sim, é melhor.”

A fila de automóveis imobilizou-se com espalhafato diante da casa do outro lado da rua, uma moradia branca de dois pisos, com um alpendre dianteiro, desenhada em estilo revivalista grego; polícias fardados e outros à paisana assumiram o controlo do perímetro e um homem corpulento, evidentemente

um guarda-costas, foi abrir a porta do *Cadillac* negro que estacionou diante da entrada da casa. Um homem de idade, de cabelos brancos sobre as orelhas e calvo no topo da cabeça, saiu do *Cadillac* e ajeitou o seu fato escuro.

“Já vejo o Ben Gurion”, disse, da janela da casa oposta, o homem dos óculos escuros.

“E o nosso amigo? Já apareceu?”, perguntou o homem do gravador, frustrado por não poder ir à janela observar a cena.

O dos óculos escuros desviou os olhos do *Cadillac* para a casa. A imagem familiar do homem de idade, ligeiramente curvado e os cabelos alvos penteados para trás, um farfalhado bigode grisalho sob o nariz, emergiu da soleira da porta e desceu as escadas com um sorriso.

“Sim, ele já ali está.”

As vozes dos dois homens a encontrarem-se nas escadas do jardim resoaram pelos altifalantes dos gravadores.

“*Shalom*, senhor primeiro-ministro.”

“*Shalom*, professor.”

“Seja bem-vindo à minha humilde casinha. É um prazer ter aqui o famoso David Ben Gurion.”

O governante riu-se.

“O senhor deve estar a brincar. O prazer é todo meu, sabe? Não é todos os dias que se vai a casa do grande Albert Einstein, não é verdade?”

O homem dos óculos olhou para o companheiro.

“Estás a gravar?”

O outro verificou as agulhas a oscilarem nos mostradores das máquinas.

“Sim. Não te preocupes.”

Lá à frente, Einstein e Ben Gurion posavam para os repórteres, que os iluminavam de *flashes*, diante da cortina verde e lilás da glicínia que trepava pela varanda da casa. Como estava um magnífico dia primaveril, o cientista fez sinal de que era melhor permanecerem cá fora e apontou na direção de umas cadeiras de madeira colocadas sobre a relva húmida; sentaram-se ambos aí, os fotógrafos e operadores de câmara sempre a registarem o momento. Ao fim de alguns minutos, um guarda-costas abriu os braços e afastou a imprensa, deixando os dois homens a sós, entregues à conversa na doçura soa-lheira do jardim.

No gravador da casa em frente, as vozes continuavam a ser captadas e registadas.

I

O caos na rua revelava-se indescritivelmente desagradável. Automóveis de chapa amolgada, camiões ruidosos e autocarros fumarentos apinhavam-se pelo alcatrão sujo e oleoso, estrebuchando com buzinares impacientes e rancos roucos e maldispostos; o cheiro ácido do gasóleo queimado enchia o ar quente do final da manhã, uma gordurosa neblina de poluição pairava sobre os prédios degradados, havia algo de decadente naquele espetáculo de uma cidade antiga a tentar agarrar o futuro com o pior da modernidade.

Indeciso quanto ao rumo a tomar, o homem de cabelo castanho e olhos verdes cristalinos parou na escadaria do museu e estudou as suas opções. Diante de si estendia-se a grande rotunda da Midan Tahrir, para além da qual se multiplicavam os cafés. O problema é que a praça constituía o epicentro daquele caos rodoviário, o palco maior da sucata ambulante que se amontoava diante de si. Nem pensar em ir por ali. Olhou para a esquerda. A alternativa era meter pela Qasr El-Nil e ir ao Groopi's comer uns doces e tomar um chá; mas tinha demasiada fome para isso, o apetite não seria aplacado por uns meros pastéis. A outra possibilidade era virar para a direita e seguir pela Corniche El-Nil, onde se erguia o seu esplêndido hotel, com ótimos restaurantes e uma magnífica vista para o rio e para as pirâmides.

“É a sua primeira vez no Cairo?”

O homem de olhos verdes girou a cabeça para trás, procurando a voz feminina que o interpelara.

“Perdão?”

“É a sua primeira vez no Cairo?”

Uma mulher alta e de longos cabelos negros aproximou-se do homem; vinha do interior do museu e ostentava um sorriso cativante. Tinha os olhos de um intrigante castanho-amarelado, os lábios grossos e sensuais pintados de escarlate, uns discretos brincos de rubis e um *tailleur* cinzento colado ao

corpo, saltos altos negros realçavam-lhe as curvas perfeitas e as pernas longas de modelo.

Uma beleza exótica.

“Uh... não”, gaguejou o homem. “Já aqui vim muitas vezes.”

A mulher estendeu a mão.

“Muito prazer”, sorriu. “O meu nome é Ariana. Ariana Pakravan.”

“Como está?”

Apertaram as mãos e Ariana riu-se baixinho.

“Não me vai dizer o seu nome?”

“Ah, desculpe. Chamo-me Tomás. Tomás Noronha.”

“Como está, Thomas?”

“Tomás”, corrigiu ele. “O acento é no *a*. Tomáaas.”

“Tomás”, repetiu ela, esforçando-se por imitar o sotaque.

“Isso. As árabes têm sempre uma certa dificuldade em pronunciar bem o meu nome.”

“Hmm... e quem lhe disse que eu sou árabe?”

“Não é?”

“Por acaso, não. Sou iraniana.”

“Ah”, riu-se. “Não sabia que as iranianas eram assim tão bonitas.”

O rosto de Ariana abriu-se num sorriso maravilhoso.

“Já vi que é um galanteador.”

Tomás corou.

“Desculpe, saiu-me.”

“Ah, não se incomode. Já Marco Polo dizia que as mulheres mais bonitas do mundo eram as iranianas.” Pestanejou, sedutora. “Além disso, não há mulher que não goste de ouvir um bom piropo, não é?”

O historiador analisou-lhe o *tailleur* pregado ao corpo.

“Mas você é toda moderna. Sendo do Irão, a terra dos *ayatollahs*, isso é até surpreendente.”

“Eu... uh... sou um caso especial.” Ariana contemplou a desordem na Midan Tahrir. “Oiça, não tem fome?”

“Se não tenho fome? Puxa, era capaz de comer um boi!”

“Então venha daí, vou levá-lo a provar umas especialidades locais.”

O táxi dirigiu-se para o Cairo islâmico, no leste da cidade. À medida que o carro deambulava pela capital egípcia, as avenidas largas da Baixa foram sendo substituídas por um labirinto de ruelas estreitas, atafulhadas de